

Letícia de Faria Ferreira ¹

Resenha bibliográfica

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

A obra de Martins *A aparição do demônio na fábrica* discute as contradições para a implementação da sociedade industrial no Brasil. A reação das mulheres, operárias paulistas, às interferências exógenas do capital moderno será o principal mote da pesquisa. O texto discute as mudanças na sociedade e as transformações no campo operário, a partir do enfoque que faz das manifestações de possessão, dos sacrifícios e rituais tomados como “exóticos” e que ocorrem na linha de produção industrial.

O livro é um conjunto de quatro artigos, uma entrevista e um texto introdutório. São textos reunidos que datam da primeira metade da década de 1990 até o ano de 2008 e, com uma exceção, foram trabalhos já publicados e/ou apresentados em congressos e palestras proferidas pelo autor. No entanto, mesmo com temporalidades diferentes, os

¹ Doutoranda em Ciências Sociais, Agricultura e Sociedade – CPDA/UFRRJ. Professora Assistente da Universidade Federal da Fronteira Sul. leticiadefaria@hotmail.com. Telefones: 21-2243761/51-32110693.

capítulos são conectados entre si pelo tema que vai sendo entretecido pelo autor, onde cada capítulo o apresenta sob seus diferentes aspectos. O que podemos chamar de tema do livro é a investigação sobre a multiplicidade de formas – às vezes misteriosas – de desencontro entre o processo de modernização industrial e a concepção do trabalhador (especialmente as mulheres) dessa modernidade, considerando sua origem rural, pautada em valores tradicionais. São desencontros tratados com muita sutileza pelo autor, que se dedica a observar sua expressão em miudezas espalhadas pelo cotidiano da vida no subúrbio – e é como um observador especial que descreve cores, cheiros, o badalar dos sinos, o apito do trem na estação ferroviária etc, pois durante os anos 1950 foi ele mesmo operário da fábrica de cerâmicas de São Caetano.

Observa o autor, com acuidade, as fragmentárias expressões que revestem as ações da população trabalhadora em sua busca de adaptar-se aos adventos do tempo que regra a vida, ou seja, o tempo linear da fábrica que lentamente entra nas práticas “de uma sociedade ainda regulada pelo tempo cósmico das estações do ano e dos ritos sociais e religiosos demarcadores do calendário litúrgico e da vida.” (MARTINS, 2008, p. 11). Martins fala de um abismo que separa o homem comum de sua história quando este é inserido em uma sociedade que o coloca como agente e ator; seu processo histórico é vivido e também é teatralizado; é práxis autêntica e mistificação na resistência que trava para não se reduzir à coisa. Esse homem, afirma o autor, redivivo, recicla o modo das antigas relações sociais e “reapropria-se das tradições de suas origens pré-modernas para enfrentar a privação de história e de compreensão plena que lhe impõe a modernidade que o minimiza e coisifica. Adere, resistindo, para viver e vencer a seu modo o mal-estar da sociedade da incerteza.” (MARTINS, 2008, p.14).

A discussão sobre a chegada do país ao mundo moderno começa chamando atenção para o divisor de águas que foi a reordenação social trazida pelo trem, e de modo mais específico, na cidade de São Paulo, que é tratada por Martins no primeiro capítulo do livro – “A gestação do ser dividido: a ferrovia e a modernidade em São Paulo”. Uma vida lenta foi abalada na década de 60 do século XIX, quando a ferrovia impõe seu tempo, seu equipamento moderno a vapor percorrendo distâncias antes

transpostas a cavalo. O tempo se torna regulado, e nas palavras de Martins foi quando “o homem deixou de ser o condutor de tropa para ser conduzido como tropa.” (MARTINS, 2008, p.16). As Estações (da Luz e Vila Piranapiacaba) trazem consigo uma arquitetura do medo, que vai ser estudada pelo autor através da definição foucaultiana de panóptico.

Para Martins, a conflitividade social se torna uma possibilidade quando a ferrovia dilui a dimensão local e de localidade dos antagonismos sociais. A ferrovia trazia consigo os códigos da modernidade e as contradições gestadas na passagem de uma sociedade escravista para a sociedade industrial nascente. Assim, todos os que mandam e os que são mandados temem porque já não seria mais possível viver “sem medo dos desdobramentos do mundo criado pelo capital moderno e pela máquina.” (MARTINS, 2008, p.17). Nesse capítulo Martins atenta para esse embate com o passado que persiste nos ritmos da vida, por um lado, e de outro, descreve o lento processo que consiste em reacomodar a vida, nesse momento de desencontro de temporalidades. As transformações criavam a necessidade de uma sociedade de trabalhadores, posto que em meados do século XIX a escravidão já anunciava seu próprio fim. O texto discorre sobre essa invenção de uma classe trabalhadora livre, de origem eminentemente rural, sendo, ao custo de muitas rupturas, preparada para o trabalho fabril moderno, que reordena costumes e mentalidades, que cria a vida privada. Enfim, é a modernidade em seu engendrar o conteúdo do capítulo primeiro que, de certo modo, vai alicerçar para os próximos capítulos a discussão sobre o modo de ver e viver – ouvir e cheirar – que as populações do subúrbio paulista concebem.

Será, portanto, no segundo capítulo (que é uma entrevista com Martins publicada em 2001) que o autor, na medida em que discute a história da noção de subúrbio (em estreita relação com o desenvolvimento da cidade de São Paulo e criando uma nova concepção de espaço como lugar do vivido com estilo, com adornos e detalhes, realidade espacial intermediária entre o campo e a cidade), vai trazendo à tona a questão da ausência de interesse por parte da sociologia pelo subúrbio. Enquanto na Europa e nos Estados Unidos, o conceito sociológico de subúrbio serviu para definir espaços residenciais de alto nível, aqui para nós, diz Martins, temos outra situação, pois “o trabalhar e o morar

disputam os mesmos espaços em áreas supervalorizadas pelas funções rentistas do ganhar”, e ainda, é a presença da renda da terra urbana que entre nós agrava as condições de moradia, devido ao tributo pago ao dono da terra que vive da especulação imobiliária. Esse é um tema bastante debatido por Martins em livros anteriores – a renda da terra –; a novidade deste texto consiste em falar da renda da terra urbana (MARTINS, 1998, p.49). Ainda dentro dessa temática da renda, Martins distingue o conceito de subúrbio do de “periferia,” esta última, segundo ele, significa a vitória da renda da terra sobre a cidade, resultando em moradias precárias e confinadas; já subúrbio tem uma concepção positiva, sua história é a história de um modo de vida relacionado com o trabalho, e que têm nesse lugar relações sociais, cotidiano, memória, que por vezes desmentem a história oficial. Enfim, é para a confusão conceitual que Martins chama atenção, pois percebe periferia e subúrbio como espaços com problemas sociológicos de diferente ordem (MARTINS, 1998, p.60).

O subúrbio como lugar de viver é o que inspira Martins a escrever o terceiro capítulo – “Odores, sons e cores: mediações culturais do cotidiano operário” – onde esses elementos dão e criam significados para a vida cotidiana, expressam mentalidades e fundam a sociabilidade dos grupos de convivência. O que está sendo proposto “é uma breve etnografia de costumes relativos a cores, odores e ruídos cotidianos, em particular os do corpo ou com o corpo relacionados. Constituem eles uma interferência mediadora no desenrolar cotidiano das relações sociais e variam conforme a situação social e a situação de classe social dos agentes.”(MARTINS, 1998, p.64). No entanto, essa etnografia proposta por Martins tem um componente especial, pois usa suas próprias lembranças como fonte de dados, vindo a se chamar de “etnógrafo espontâneo” (MARTINS, 1998, p.148). Recupera o que faz parte de sua memória (trata especialmente dos anos 1940 e 1950) como morador e trabalhador do subúrbio de São Caetano, dentro de uma ideia de Peter Berger – de uma alternância biográfica, onde o tempo lhe permite um olhar crítico: “observo sociológica e participativamente através do informante que é o outro que fui” (MARTINS, 1998, p.64).

O desenvolvimento da urbanização transformando-se em um “modo de vida” se institui sem anular as condutas respectivas a certo jeito de ser

rural, da sociedade tradicional, mas institui uma censura a esses hábitos, jeitos e costumes. Ainda, nos diz Martins, “limitou a visibilidade dos modos de ser, instituindo a legitimidade dominante e a precedência do modo de parecer como técnica de apresentação social de pessoas e grupos” (MARTINS, 1998, p. 65). Os jardins, as roupas, as cores e os sons têm uma classificação nesse universo, que Martins nos revela com detalhes (fala das flores e da combinação adequada destas com espaço e o momento, trata da diferenciação feita entre sons e barulhos – estes últimos são aquela espécie de som que foge à classificação) quando descreve esses costumes que lentamente se misturam, interagem e compõem a especificidade da sociabilidade do subúrbio.

Encontramos no texto as ordenações cotidianas de gênero, as funções e papéis respectivos – a casa, o jardim e a mulher; o trabalho externo, a horta, a rua e o homem. Martins recorda dos odores e suas separações, ou seja, havia, por um lado, o cheiro industrial, fétido, que se espalhava por São Caetano e, por outro, os perfumes dos jardins, das comidas, das pessoas (entre elas está o de gênero). Descreve os ruídos e os silêncios, e o medo – onde as histórias de aparição começam a surgir.

O capítulo “A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção apresenta o relato do autor que se recorda do fato de no ano de 1956 o demônio aparecer para várias operárias de uma nova seção na fábrica de Cerâmicas, onde Martins foi *office-boy* na época e atualmente regressou para conversar com antigos trabalhadores do lugar. Encontramos nesse capítulo um texto singular, porque, quando retorna para falar com os engenheiros e operários passados mais de 30 anos, Martins recompõe sua memória na troca com as memórias de outros e nos apresenta um documento significativo sobre as relações de trabalho e as relações cotidianas (paralelas) da fábrica. E entende o aparecimento do demônio como uma das características desse processo de trabalho em crise. Era um momento na fábrica de intensificação da vigilância e das estratégias de despersonalização das ocupações, tornando-as impessoais e técnicas, o que, sem dúvida, criava um descompasso com as mentalidades dos trabalhadores ainda vinculados a modos tradicionais de produção. O processo de prensagem dos ladrilhos deixa de ser controlado pelo ritmo do operário prensista, que ao lado tinha uma

operária que retirava os ladrilhos e repassava para o próximo setor. Portanto, quando esse processo é alterado e o operário é que se adapta ao ritmo da máquina, a situação torna-se outra. Neste caso a modernização da linha ocorreu no início e não até a seção final de seleção, encaixotamento e escolha onde o trabalho permaneceu artesanal e somente foi alterada a intensidade do ritmo do trabalho. Foi para as operárias que trabalhavam nessa seção que o demônio apareceu.

Nas palavras de Martins, “nesse descompasso tecnológico está a causa fundamental das tensões que levaram ao aparecimento do demônio na nova seção de escolha de ladrilhos” (MARTINS, 1998, p.154). As mudanças sofridas pela fábrica nesse período são a hipótese de Martins para a aparição do demônio justamente na seção de escolhas (setor feminino), setor onde não ocorreram mudanças no processo de trabalho, pois “foi a expressão dos temores gerados pelo conservadorismo desses setores colocados à margem das inovações e/ou das decisões (...)”. Para o autor essa foi “a forma que o imaginário das operárias deu às inovações para compreendê-las no conflito que encerravam” (MARTINS, 1998, p.167).

Esse novo modo de produzir afastava-se dos saberes práticos, mas ele não foi harmônico na linha de produção, o que, no entender de Martins, não apenas ocasionou a aparição do demônio em determinado lugar, como essa desarmonia enfraquecia o domínio do saber científico, permanecendo saberes antigos dos mestres (em contraponto com os dos engenheiros), associados a valores como parentesco e lealdades pessoais. Martins associa a visão das operárias do demônio aos engenheiros, “ele era meio sorridente, bem vestido, como os engenheiros, num canto da seção.” A aparição cessou depois que as operárias pediram que um padre benzesse as novas instalações, trazendo para o interior da fábrica um costume rural, religioso, de celebração das novas produções. Observando o que, de certo modo, não é “visível”, a análise traz à tona os dilemas vividos pelos trabalhadores na relação com as contradições do trabalho capitalista (MARTINS, 1998, p.173).

O livro de Martins finda com o capítulo “O ciclo faltante”, espécie de retomada das considerações iniciais e um convite à pesquisa sobre a história da indústria e da classe operária no ABC paulista. Trata-se de uma reflexão do autor sobre a produção sociológica a propósito desse

tema e sobre o que está faltando e por que está; e o que precisa ser feito ou refeito. Ao levantar questões metodológicas para pensar as singularidades da história regional, o livro nos leva a pensar as possibilidades da história que desconstrua, através da voz dos trabalhadores, a história que é de poucos para construir uma história de todos.

Resenha recebida para publicação em:

18 de setembro de 2010.

Resenha aceita para publicação em:

28 de setembro de 2010.